

## **A Prova São Paulo**

HÁ QUEM, no meio universitário e sindical, ainda despreze as avaliações da qualidade do ensino que se multiplicam no país. Com a Prova São Paulo, o novo exame de português e matemática para os alunos da rede pública paulistana de 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries, não foi diferente. Qual a razão, indagam, de aplicar uma prova para saber o que de antemão já se conhecia, que o ensino é ruim?

Chega a ser espantoso ter de reafirmar, a esta altura do século 21, as vantagens do conhecimento sistemático, do tratamento estatístico, nas políticas públicas. Saber em que medida o ensino é ruim, em que regiões e faixas etárias a situação é mais crítica, onde estão os nichos de excelência, como o desempenho individual e coletivo evolui ao longo do tempo é um requisito indispensável para intervir na realidade.

No caso da rede paulistana, sabe-se agora, por exemplo, que 29% dos alunos da 2ª série (crianças de oito anos de idade) nem sequer conseguiram responder às questões; 14,6% ainda não foram alfabetizados, cifra que cai para 4% duas séries acima, indicando um percentual de alunos provavelmente perdidos pelo sistema.

A Prefeitura de São Paulo teve o cuidado de criar uma avaliação que complementa a Prova Brasil, exame nacional para a 4ª e a 8ª séries. Tendo mantido, também, a mesma base metodológica da prova federal, o exame paulistano tem a vantagem de abranger duas séries a mais e de permitir o conhecimento da nota individual de cada aluno -o detalhamento da prova federal só vai até a nota da escola.

Avaliar bem, obviamente, é apenas o primeiro passo para modificar o padrão de mediocridade que viceja no ensino paulistano. Atuar nos pontos críticos, ser capaz de recuperar em tempo hábil os alunos que rumam para o desastre educacional, é a parte mais difícil.

*Folha de S.Paulo, 6 fev. 2008.*

## **Prova SP mostra que 15% das crianças terminam a 2ª série do Fundamental analfabetas**

Fabiana Parajara

SÃO PAULO - A cidade de São Paulo é a mais rica do país, mas é caótica a situação das escolas públicas revelada pela Prova São Paulo, aplicada aos alunos da rede municipal em novembro passado. Nada menos do que 15% dos 70 mil alunos que estavam na segunda série do Ensino Fundamental em 2007 eram ainda analfabetos. Entre os 72 mil que cursavam a quarta série ainda estavam 2.880 analfabetos. Ou seja: 4% passaram de ano durante quatro anos letivos sem saber ler e escrever.

O analfabetismo persiste até o fim do Ensino Fundamental, embora logicamente os índices diminuam. Na sexta série, o índice de analfabetos é de 0,31%, o que corresponde a 182 alunos, o equivalente ao contingente de cinco salas de aula (a média é de 35 alunos por sala). Mesmo no último ano do Ensino Fundamental, a Prova São Paulo detectou a presença de alunos que não sabem ler e escrever: 0,06% dos 48 mil que fizeram a prova.

Para os alunos da segunda série foi aplicado um ditado. Para os das séries seguintes, redação. No ditado, 71% tiveram desempenho considerado bom, mas o índice de desempenho regular e insuficiente chegou a 27,5%.

Dos 72 mil alunos da quarta série que fizeram a redação, o índice de desempenho é ainda mais alarmante: 44% tiveram desempenho regular e 44% insuficiente. Apenas 11% tiveram um desempenho considerado bom.

Entre os alunos da quarta série que fizeram a redação, 44% tiveram desempenho regular e 44% insuficiente. Apenas 11% foram bem

Na sexta série, só 14% se saíram bem na prova de português. Dos 59 mil que fizeram a prova, 85% tiveram desempenho insuficiente (43%) ou regular (42%).

A avaliação mostrou que os alunos chegam ao fim do Ensino Fundamental também com baixo desempenho. Dos 48 mil que fizeram a prova, 86% tiveram avaliação regular (50%) ou insuficiente (36%). Apenas 13% foram classificados como de bom desempenho.

Apesar dos péssimos indicadores, o secretário da Educação, Alexandre Schneider, disse que mesmo assim o resultado foi melhor do que em 2003, quando uma pesquisa apontou em 30% as crianças que ainda eram analfabetas na segunda série.

O lado bom da Prova São Paulo é que ele será usado para que a Prefeitura de São Paulo organize um esforço para superar o problema. Todos os alunos deverão receber reforço e as escolas terão o desempenho individual de cada aluno.

- O objetivo é que todos os alunos tenham reforço escolar - afirmou o secretário.

Schneider disse que São Paulo vai trabalhar para se antecipar à meta do governo federal, que é atingir 100% de alfabetização já na segunda série do ensino fundamental até 2022.

Para Claudio Fonseca, presidente do Sindicato dos Profissionais de Educação do Município de São Paulo, o resultado sofrível dos alunos é reflexo da falta de uma política pública de Educação.

- O fracasso dos alunos é resultado do descaso de várias gestões. Em geral, os governantes constroem escolas, que são necessárias, mas não pensam na qualidade do ensino: em planejar, em investir na atualização dos profissionais - afirma Fonseca.

Mas, em meio aos resultados ruins, ele também vê pontos positivos na pesquisa. O primeiro deles é a prefeitura não divulgar um ranking das escolas com melhor desempenho.

- O ranking feito pela Prova Brasil acaba gerando frustração e desmotiva as escolas. Outro ponto positivo é que a secretaria revelou quais são os critérios de avaliação. Esses critérios vão ajudar as escolas a se planejar. Eles servirão como metas - diz Fonseca.

A Prova São Paulo foi aplicada nos dias 6 e 8 de novembro, com avaliação de português e matemática. Dos 267 mil alunos das escolas municipais, 244 mil fizeram a prova de português e 241 a de matemática.

## **Matemática**

Além do fraco desempenho em Língua Portuguesa, os alunos da rede municipal da capital também não foram bem em matemática. Ninguém alcançou os pontos máximos da Prova São Paulo, realizada em novembro do ano passado, na rede municipal para avaliar a qualidade do ensino na cidade. Dos 72,5 mil alunos de quarta

série que passaram pela avaliação, cerca de 20% tiveram desempenho insuficiente. Eles tiveram nível de proficiência entre 100 e 125 numa escala que varia de 100 a 375. Outros 63% tiveram desempenho entre 150 e 200 na escala, que seria um desempenho regular. Acima disso, há apenas 16,6% dos alunos.

No sexto ano do ensino fundamental, dos 58,7 mil alunos que fizeram a prova de matemática, 42,8% ficam com um nível de proficiência entre 125 e 200, entre insuficiente e regular. Outros 42,2% ficam com índice entre 225 e 275, entre regular bom. Os que obtêm um bom desempenho são apenas 5%. Na oitava série do ensino fundamental, dos 46,1 mil alunos que fizeram a prova, 13,5% ficam com proficiência entre 175 e 200, mostrando que têm noção das operações básicas. Outros 75,3% conseguiram uma classificação entre 225 e 275, entre regular e bom. Outros 11,1% conseguiram uma boa nota, entre 300 e 350.

*O Globo*, 2 fev. 2008.